

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO**



PRÍNCIPE RUIFIÃO

José Luiz Ribeiro

**FORUM DA CULTURA
SET A NOV. 1998**

Impressão a laser



IMPRESS

gráfica digital

(032) 216-1661
www.impress.com.br

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO
apresenta

O
PRÍNCIPE
RUFIAO

de José Luiz Ribeiro

Forum da Cultura
Setembro a Novembro
1998

POR QUE ME UFANO DE MEU PAÍS

João Ubaldo Ribeiro

Sim, atravessamos momentos de desânimo e até mesmo catastrofismo, mas a verdade é que certos instantes em nossa História recente nos fazem recobrar a confiança e o orgulho. Estou vivendo um desses instantes e, para os que, entre vocês, ainda não perceberam sua sublimidade (sempre digo: com má vontade, não se vai para a frente, vamos parar com esse derrotismo crônico), desejo partilhar, com perdão da má palavra, minha epifania. Temos recebido ou reconhecido tantas boas notícias que ficamos meio anestesiados e nem sequer nos damos conta delas.

Para mim, pessoalmente, a melhor notícia é a de que Chico Buarque é um medíocre, que deverá ser relegado ao lixo cultural muito em breve. Sempre tive inveja dele, porque o achava talentoso, íntegro, bonito e idolatrado pela maioria das mulheres, qualidades insuportáveis para os despeitados da minha laia.

Agora não. Agora fui esclarecido por fontes governamentais e finalmente percebi que ele é um tanto burro, mau caráter, feio e apenas admirado por uma meia dúzia de petistas anciãs. Que alívio, meus caros brasileiros e brasileiras! Pensem só em como Caetano e Gil, depois de enfrentar décadas de noites insones, também com inveja dele, agora devem dormir aliviados e tranquilos. Depois há gente que critica a ação cultural

do Governo, é muita falta de sensibilidade. Agora nem sei se vou continuar a cumprimentar o Chico - a não ser que ele, por natural obrigação, me peça um autógrafo.

E isso num quadro em que a nossa moeda estável nos tornou um país de felizardos, acendendo charutos com notas de cem dólares e trocando reais por francos, em Paris. Li, acho que na coluna do Xexéo, que agora existe uma casa de câmbio em Paris que troca reais por francos. Como ficou mais fácil a vida dos milhões de brasileiros que todos os anos vão à França e que antes eram obrigados a passar pela humilhação de não ter dinheiro, a não ser papezinhos coloridos que causavam frouxos de riso até em visitantes do Brasil. É só achar essa casa de câmbio, perguntar se o diretor ainda não foi demitido e acachapá-lo sob uma montanha das verdinhas nacionais. Para não falar que, embora ninguém ainda as tenha visto, já foram lançadas nossas novas moedas, todas lindas, que continuarão a ser recusadas pelos flanelinhas, essas pestes que infernizam a maioria da nossa população e que, mais uma vez, devem ser denunciados como um dos nossos principais focos do atraso que, ainda, aqui e ali, nos aflige de quando em vez.

Assim como, de acordo com o que foi, faz algum tempo, repetidamente anunciado na TV, os nossos aposentados hoje têm a dignidade restaurada e não mais enfrentam filas e pensões assassinas. Pelo contrário, o Estado agora sustenta uma ralé de vagabundos que só faz reclamar e não enxerga o que lhe é dadivado. Acho que nem a Suécia ou a Dinamarca chegaram a esse ponto.

Tanto assim que, por exemplo, a taxa de suicídio na Suécia é elevadíssima e certamente algum ministério é capaz de produzir estatísticas provando que a taxa de suicídios na Escandinávia é muito maior que a nossa taxa de mortes por inanição, o pior cego é o que não quer ver.

E quanto à saúde então? Principalmente depois da implantação da Contribuição Provisória (perpétua, aliás; mas não se pode querer perfeição em tudo) sobre Movimentações Financeiras, tudo melhorou e hoje, contando com o SUS e com as patrióticas empresas de seguro-saúde privadas, qualquer brasileiro pode fazer pelos menos um check up anual. Não faz por deseducação e desinformação. O próprio presidente da República fez um e ficou muito satisfeito. Não entrou em filas, nem foi atendido com má vontade, por hospitais sem médicos ou equipamentos - enfim, foi recebido como qualquer de nós que recorra à Saúde pública, razão por que ele, com paciência que levaria homem de outro calibre à exasperação, nos aconselhou a sadia prática de um check-up periódico. E, quanto à falsificação de remédios, trata-se de problema que qualquer cidadão pode resolver, dirigindo-se à autoridade competente mais próxima. Não adianta ficar fazendo chover no molhado, o negócio é agir.

Em relação ao desemprego, é bem verdade que as notícias mais recentes não são das melhores, mas, aqui de novo, a impaciência é inimiga da perfeição. Todo mundo está careca de saber que, com a reeleição, esse evento patriótico que só o Chico Buarque e o dr. Barbosa Lima Sobrinho insistem em fingir que não entendem, serão criados mais de sete milhões de empregos, tudo certo, como dois e dois são cinco. Por que se movem

ações de inconstitucionalidade contra medidas protetoras do trabalhador, como a redução dos salários e as demissões provisórias? Será que não se nota o esforço hercúleo de nossos dirigentes para sanar os poucos males que ainda nos atormentam? Será que todos persistem em ignorar que as empregadas domésticas agora passam férias na Grécia?

Na área de segurança, as mesmas palavras de conforto podem ser escutadas pelos ouvidos patrióticos. Têm sido criados conselhos e comissões de toda ordem, é preciso acabar com essa paranóia de assaltos, seqüestros e assassinatos, conseqüências inevitáveis da globalização e comuns em todas as cidades desenvolvidas. Somos tão civilizados que não botamos na cadeia - e, quando inadvertidamente botamos, e em cela especial - criminosos com nível superior, não iríamos desperdiçar assim os vastos recursos que investimos e aplicamos sabiamente na área da educação. E, finalmente, continuamos a ser um país abençoado por Deus, nosso compatriota. Pois não é que gente que se dizia atéia, há relativamente pouco tempo, hoje é religiosíssima? Ponhamos as mãos para o céu. No meu caso, tapando os olhos, mas isso é pura questão de foro íntimo. Te cuida, Chico!

(Artigo publicado no jornal *O Globo*, em 16.08.98, p.7)

Por que me sangra o coração

José Luiz Ribeiro

Com os versos do título, encerramos *O Príncipe Rufião*, um trabalho doloroso que, apesar do riso que provoca, expõe, como em uma radiografia, as tristes contradições de um país sufocado em sua cidadania. Um texto idealizado como *work in process*, acompanhou as eleições e seguiu examinando os caminhos de um governo reeleito sem debate, com concorrentes sufocados pela mídia e pela falsa impressão que tudo está muito bem.

O riso anestesia o coração, mas desperta a atenção para fatos que, diante da avalanche de informação diária, passam a ser ignorados ou percebidos de forma superficial. A proximidade de uma ação governamental não permite o distanciamento histórico, para que se perceba erros e acertos; mas a vivência do cotidiano faz com que se sinta, na pele, as trapaças dos príncipes que pensam muito mais em sua classe do que no todo da sociedade.

O teatro é uma arte social e, como mirante, é capaz de projetar o passado e o futuro, permitindo uma análise comparativa de discursos e ações. O espetáculo foi construído a partir de um roteiro que investiga os anos 60 e chega até a atualidade. Levantamos, em nossa prospecção, documentos partidários, publicações, noticiários e declarações para criar um painel, dentro de um planejamento estético que visa informar e distanciar, para poder entender a trajetória de um governante.

Ao escrever a crônica de seus reis loucos, Shakespeare traçou uma história profunda da psicologia do poder. Nós, em nossa aldeia, nos colocamos como observadores de um tempo, de homens e de seus comportamentos. A espécie política merece, no Brasil, um capítulo especial sobre os disfarces de candidatos e sua postura como governantes.

Num país que teve sua história tecida pela dominação, com a escravidão ainda presente em sua vida, pois há pouco mais de um século os negros eram tratados como animais, é necessária a revisão de cada ato de poder e um trabalho efetivo de educação, visando tirar das contradições atos formativos de cidadania.

O Príncipe Rufião nasce de um teatro popular, procurando ter o distanciamento do riso, a narrativa da revista musical do ano e uma carga de ironia satírica sobre o momento em que nos deparamos com um governo que cria suas leis, muda as regras constitucionais e estabelece sua própria condição de ser ao arripio de uma sociedade cada vez mais sacrificada.

Compusemos canções como o “Tango de Dolly” e “A marcha dos Descontentes”. Utilizamos clássicos musicais em versões satíricas e parodiamos alguns grandes sucessos. Dentro do espírito nacional de rir de nossa própria miséria, expusemos nossos governantes ao julgamento que analisa suas ações. Num jogo de espelhos, estamos refletindo sobre o tempo em que vivemos, sobre os governantes que elegemos e sobre a maneira como eles tratam seus eleitores. Numa sociedade de simulacros, paramos para pensar, mudar e construir sobre o caos.

O tempo da revolta no teatro latinoamericano

Márcia Falabella

*Ficarão maiores
As propriedades dos que possuem
E a miséria dos que não possuem
As falas do Guia
E o silêncio dos guiados.*
Bertolt Brecht

Quando se descobriu a “América” não se descobriu sua cultura e seus habitantes, mas um território a ser conquistado com violência e violação. A identidade dos diversos povos, que já viviam nessas terras nativas, foi negada e usurpada em nome de um poder central, advindo de uma realeza e de uma divindade européia.

Mas o tempo enfraqueceu e tornou remotas as lembranças desse época. Uma imagem que se dilui e se confunde numa mistura de fatos, de nomes, de cores, de traços, de recordações, de verdades e de mentiras que traduzem, hoje, o nosso continente, em vias de globalização. Uma dor que já não é mais a mesma, senão outra. Uma alegria que já não é a mesma, senão outra.

Desde sempre, a América Latina se viu marcada por uma sucessão de conflitos, internos e externos, que mancharam de sangue sua história e que cravaram o estigma de inferioridade em seu espírito. Mas, ainda assim, nada disso foi suficiente para calar um coração latinoamericano que pulsa na esperança de reconquistar sua essência e construir, com dignidade e igualdade, sua história. O teatro é peça fundamental nessa estratégia. Enquanto ritual, revela as tensões entre a realidade imediata e o mundo imaginário. Entre suas

múltiplas possibilidades de expressão existe um falar que emerge da urgência de seu tempo buscando mostrar, refletir e criticar a realidade, vivenciada no dia a dia. Assim, era inevitável que um teatro político invadisse os nossos palcos como forma de denúncia e resistência.

Cada um dos países latinoamericanos, de maneiras distintas ou, muitas vezes, coincidentes, sofreram e sofrem convulsões sócio-políticas - ditaduras militares, que colocaram em xeque o verdadeiro sentido da democracia; processos revolucionários; corrupção; sistemas econômicos dependentes; dívidas externas, que prejudicaram o processo de crescimento interno; repressões das mais variadas; incertezas de um amanhã que se constrói com as ações de hoje; dominação cultural, mascarada por promessas de inclusão nas esferas de uma cultura centralizada.

Na ebulição de todos esses acontecimentos, o teatro reencontra sua essência - o conflito, que estabelece a ação dramática. E a cena se volta para um pulsar ritmado com os tambores da guerra. Alguns dramaturgos tocaram na ferida sem pudor. Outros optaram por denunciar e mostrar sua indignidade através de metáforas e de situações que, aparentemente, não tinham nenhuma relação com a realidade denunciada. Era uma alternativa para driblar a censura dos dias de chumbo.

O atraente e desafiante gosto pelo proibido, aliado à necessidade de denunciar as violências sociais, econômicas e políticas, são responsáveis pelo nascimento de obras e de montagens que marcaram a história do teatro latinoamericano. Artistas, comprometidos com as mais variadas estéticas e propostas cênicas, viram-se unidos em nome de um mesmo projeto de libertação.

Inesgotáveis são os exemplos dessa prática de um teatro político em nosso continente - a realização de festivais como o de Manizales, na Colômbia, em 1968,

que permitiu um intercâmbio entre os vários grupos de teatro da América Latina; a criação coletiva como método de atuação, inspirando trabalhos como o de Enrique Buenaventura e Santiago García, na Colômbia; uma forte influência brechtiana na dramaturgia latinoamericana; o movimento do Teatro Abierto, na Argentina, em 1981, que, com o objetivo de montar textos que tratavam da problemática contemporânea do país, nas mais diferentes tendências, reuniu toda a classe teatral argentina, entre dramaturgos, atores, diretores, técnicos, cenógrafos, figurinistas, sonoplastas, num encontro teatral que apresentava três obras curtas por dia, durante os sete dias da semana, em dois meses, a preços populares e com adesão total dos espectadores.

No Brasil, tem grande importância o trabalho do Teatro Arena, com Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, o Teatro Oficina, com Zé Celso e Fernando Peixoto, o CPCs da UNE, as obras de dramaturgos como Odulvaldo Vianna Filho, Plínio Marcos e Dias Gomes. Em cada país, a seu modo, o teatro se fez político e respondeu às provocações políticas de cada época.

A trajetória do Divulgação é marcada por seu compromisso ideológico. Seja montando clássicos da dramaturgia universal e brasileira, seja na construção de uma dramaturgia própria, pelas mãos de José Luiz Ribeiro, o grupo jamais faltou com o compromisso social e político do teatro, que sempre norteou seus passos, peça a peça.

O Príncipe Rufião segue o rasto de *Era sempre 1º de abril*, também de José Luiz Ribeiro, que mostrava a insatisfação do povo com o governo Collor, quando a nossa cidadania foi violada com o confisco da poupança. A montagem do *Rufião* é mais um grande desabafo. Uma declaração de falência da política brasileira na atualidade, tomando como

referência a trajetória política do presidente reeleito Fernando Henrique Cardoso.

O espetáculo está em sintonia com a pós-modernidade. Uma espécie de crônica dramatizada que se reescreve diariamente, a partir de um olhar crítico voltado para os acontecimentos da realidade atual. *Work in process*, *O Príncipe Rufião* constrói sua narrativa com quebras temporais, com personagens reais e fictícios que se misturam num mesmo diálogo, com citações de cenas feitas em espetáculos anteriores, com paródias musicais, com a colagem de procedimentos cênicos que celebram e reverenciam personalidades teatrais como Stanislavski, Pirandello, Brecht e Boal. Numa época em que o teatro se volta para as montagens comerciais e se preocupa com os elementos formais do espetáculo, uma vez mais, o Divulgação se entrega ao exercício apaixonado do fazer teatral, pulando num trapézio sem redes, correndo todos os riscos para assumir uma postura que, se desagradada a alguns, por outro lado, une várias vozes nesse mesmo cantar. Como dizia Nelson Rodrigues, “*toda unanimidade é burra*”.

Por isso, optamos em trilhar o caminho da diferença. O tempo será nosso juiz. Que o nosso papel não seja o de uma Cassandra antevendo um futuro tenebroso, consequência de um passado questionável. Um Brasil desenvolvido, equilibrado, produtivo, livre, ético e democrático é o objetivo de todos nós. Se a cena que mostramos hoje tem cores sombrias, a esperança é sempre o que nos impulsiona e nos faz crer no mistério e na magia do teatro, na sua capacidade de rerepresentar uma realidade e provocar o espectador, despertando em cada um emoções que vão do riso ao choro, do reconhecimento à perplexidade, acreditando que é possível transformar um canto de rancor num hino de amor.

TEATRO POLÍTICO DO DIVULGAÇÃO

Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro

O Grupo Divulgação nasceu sob o signo de um compromisso radical com o momento histórico vivido por sua comunidade. Emergindo nos tempos da ditadura e, tendo como lema as palavras e o trabalho de García Lorca em *La Barraca*, travou lutas honrosas com a censura e persiste no combate sob a trava cruel dos enganosos tentáculos do neoliberalismo.

Em 1968 trouxe a voz do poeta assassinado da Espanha com *Bodas de Sangue*, num espetáculo montado, ironicamente, num tablado construído a partir de um palanque militar. Com *Electra*, de Sófocles, em 69 clamou contra os “males suportados por amor à liberdade” e deu voz a *Pequenos Burgueses*, de Gorki, no próprio momento de instalação do AI-5. Se a censura mutilou *O Diário de um Louco*, de Gogol, na véspera da estréia, uma mordacha substituiu as palavras proibidas, deixando evidente o peso da repressão.

Enquanto vigorava a advertência “Brasil: ame-o ou deixe-o”, sob o pulso de ferro de Médici, *A Morta*, de Oswald de Andrade, em 1972, denunciava no palco a TFP, o circo da televisão e o patriotismo enganoso da Copa do Mundo. Quando o movimento das “diretas já” mobilizava o país e Tancredo Neves lançava seu muda Brasil”, o *Inspetor Geral*, de

Gogol, entrou em cena registrando a participação do povo e alertando sobre as sombras que ainda pairavam.

Com *Era sempre 1º de abril*, de José Luiz Ribeiro, ainda sob o hipnotismo colorido do Plano Cruzado, começava uma nova batalha que, infelizmente, prossegue nesse novo trabalho, *O Príncipe Rufião*, numa denúncia contra a ditadura econômica, o confisco da esperança da dinastia dos “Fernandos”.

Esses são apenas alguns marcos, pois se quiséssemos esgotar a trajetória desse trabalho conscientizador teríamos que percorrer todo o repertório do grupo, lembrando o *Grito Mudo* contra a violência sofrida pela mulher, *Vereda da Salvação*, alertando sobre o perigo do fanatismo religioso, *Só o faraó tem alma* em que se discute a relação entre a arte e a expressão do povo e o poder, ou mesmo a corrupção política mostrada nas alianças duvidosas e eleitoreiras presentes em *Como se faz(ia) um deputado* e em *A Torre em Concurso*.

Estamos mencionando textos e mensagens dramáticas, mas é preciso registrar, também, ações e relações, já que o teatro não é apenas um palco, mas uma congregação de discursos entre palco e platéia. E nesse caminho, o Grupo Divulgação percorreu escolas, bairros, casas paroquiais, na década de 60, levando às comunidades carentes a magia do teatro. Em 70 percorreu o país na *Barca da Cultura*, de Paschoal Carlos Magno, navegando o Rio São Francisco e apresentando-se para as cidades ribeirinhas e em seguida embrenhando-se pelo sertão nordestino. A partir dos anos 80 o desafio foi outro: trazer o espectador carente ao teatro para

romper barreiras e oferecer a ele um espetáculo de maior qualidade estética.

Os projetos “*A escola vai ao teatro*” e “*O povo vai ao teatro*” modificaram, visceralmente, a platéia dos espetáculos do Divulgação e, hoje, é difícil encontrar, em Juiz de Fora, uma comunidade que nunca tenha visto teatro. Desta forma vem formando platéias e oferecendo modelo de trabalho para outros grupos e outros espetáculos e não mais apenas aos seus.

Os anos noventa instalam, portanto, um novo projeto, *Escola de Espectador*, e consolidam a ampliação do universo de ação do Divulgação com a incorporação de mais dois núcleos - o dos adolescentes e o da Terceira Idade.

Fazer do teatro uma forma de mudar o mundo tem sido um grande compromisso, ainda que cientes que o grito é miúdo, diante de uma sociedade massificada, cheia de Ratinhos e Leões Livres, de discursos vazios, mas plenos de uma retórica que se torna convincente pela repetição. Enfrentar quatro décadas e manter pura a chama do ideal é um grande trunfo, em direção ao admirável mundo da justiça social.

Toda essa trajetória alicerça-se na crença de que a construção da cidadania está intimamente ligada à educação e que esta não se realiza fora do acesso aos bens culturais. O novo cidadão que atuar, criticamente, é senhor de suas raízes, construtor da história do povo a que pertence.

Pensar o teatro de forma ideológica é o ponto fundamental para se fazer o teatro para sua aldeia e, através dela, atingir o universal. Estar sempre alerta é uma posição que se requer de um grupo de universitários de olho na história e em sua constante efervescência. Este tem sido o compromisso do Divulgação, para com sua pólis e para com o seu povo, pois existem diversas maneiras de se lutar, de buscar um mundo novo e, sem dúvida, o teatro é uma dessas maneiras.

O teatro político do Grupo Divulgação não se restringe a uma opção estética, à escolha de um texto ou programa de um partido. É uma equação entre a arte e a realidade numa total liberdade de registro, indo da tragédia ao drama, à comédia e à farsa.

Porque como já disse Jean-Louis Barrault, o teatro é uma arte vocacionada para romper barreiras, unir os homens e não para dividi-los. Uma idéia que já estava no centro do pensamento de García Lorca quando apontava o teatro como “um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país e o barômetro de sua grandeza ou decadência”.

Um teatro capaz de unir o fato histórico com um feito mágico faz brotar, de dentro do grupo, uma dramaturgia própria, forjada no diálogo com os grandes autores do teatro ocidental, comprometida com sua comunidade, sabedora da importância da sensibilização para o aprimoramento da razão e consciente de sua tarefa de gesto político, como uma arma de cidadania, incapaz de ser refreado diante dos embates da dominação colonizadora.

A fala do espectador sobre o Divulgação

"Sem dúvida a mais notável escola de teatro de Juiz de Fora e uma das mais brilhantes do estado de Minas, que tem formado gerações de atores e sobretudo ensinado aos jovens e ao povo a admirar a arte e o teatro."

Pedro Duarte Gaburri - Médico

"É um grupo ótimo pelo trabalho que tem feito, principalmente com escolas. Já se tornou referência em Juiz de Fora quando se fala em teatro."

Júlio César de Mendonça - Professor

"Um grande grupo, com profissionais fantásticos que esbanjam talento a cada novo espetáculo, brindando a cidade com grandes apresentações e textos sempre atuais."

Patrícia Aguiar - Jornalista

"O Grupo Divulgação está sempre de parabéns por estes anos todos, oferecendo um teatro crítico, inovador e questionador sobre as mazelas do Brasil da 'ditadura 64' até o 'império de FH'."

Júlio César Teixeira - Professor

"É com orgulho que podemos dizer que é de Juiz de Fora o Grupo Divulgação."

Paulo Peters da Silva - Func. Público

"(...) posso afirmar hoje (e mais do que nunca) que o Divulgação ultrapassa o conceito de teatro - escola. É um centro de formação sério e restaurador de caráter."

Germano Soares Baía - Assistente de Direção

"É muito mais que um grupo de teatro, é um projeto cultural que, através de seus integrantes, nos brinda com peças sempre criativas e bem articuladas."

Wallace de Mattos - Estudante

"São verdadeiros bandeirantes desbravando a cultura e a consciência do povo através destas Minas Gerais."

Pedro Ricardo Borelli Ragazzi - Professor

A fala do espectador sobre o Rufião

"Emocionante. Precisa ser vista por todos."

Renê Gonçalves de Matos - ex-reitor da UFJF

"É que o tempo da revolta já chegou'. Belíssima crítica crivada de realidade e radicalização. *O Príncipe Rufião* trouxe um sentimento autêntico de indignação."

Miguel Ângelo Batista - estudante

"Uma crítica inteligente e engraçada sobre a situação caótica de um país que afunda os pés na lama, mas agradece a Deus por ter mãos para bater palmas."

Andréia Rodrigues Costa - professora

"Não sei se posso chamar de um musical, mas posso assegurar que foi uma das peças mais inteligentes que assisti."

Marcos Eisenhower - publicitário

"Uma crítica política, nos moldes do que o Divulgaço gosta bem de fazer. Fiquei emocionada e triste porque, infelizmente, retratou fielmente a realidade."

Lucimar Grizendi - assistente social

"Ainda não descobri se é um grande texto ou um grande espetáculo (ou as duas coisas). Não sei se passei por momentos de diversão ou se foi pura angústia da verdadeira história. Tragédia ou comédia? Tragédia sim! Grande espetáculo! Bravo! Verdadeiro Divulgaço. (Bravíssimo "Brasilina" e o "Presidente")."

Germano Soares Baía - assistente de direção

"Espero que esta voz se propague com força pelo país a fora."

Edméa Góis - odontopediatra

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO
apresenta

O PRÍNCIPE RUFIÃO

José Luiz Ribeiro

Márcia Falabella	Corifeu, Brasilina, Aluna da USP, Turma do CEBRAP, TFM e exilada
Marise Mendes	Elvira, Dolly, Mãe Cardoso, Ruth, CEBRAP
Júlio Andrade	Alfredo, Descontentes, Lobo Jornalista, Aluno da USP, CEBRAP, favelado, Itamar e exilado
Laura Nívia	Carneirinho, Entidade Baiana, Aluna da USP CEBRAP, sem terra, TFM e exilada
Robson Almeida	Ator, descontentes, Lobo Jornalista, Aluno da USP, CEBRAP, favelado e exilado
Leonardo Apgaua	Ator, descontentes, Lobo Jornalista, Aluno da USP, CEBRAP, sem terra e exilado
Paulo Oliveira	Ator, Pai Cardoso, Aluno da USP, CEBRAP, Jatene e exilado
Magno Ângelo	Ator e Príncipe Rufião
Patrícia Esteves	Atriz, Entidade Baiana, Aluna da USP CEBRAP, Sem terra, TFM e exilada

Meire Goreth	Entidade Baiana, Aluna da USP, CEBRAP, Sem terra, TFM, June e Exilada
Tairone Vale	Ministro, Mark E. Teiro, Aluno da USP, CEBRAP, favelado e exilado
Paulo Moraes	Ator, Aluno da USP, CEBRAP, favelado, descontente e exilado
Bárbara Bastos	Atriz, Passista, USP, CEBRAP, TFM e exilada
Fátima Amorim	Atriz, USP, CEBRAP, Sem terra, TFM e exilada
Participação Especial	Bruno Perlato, Alice Lima, Elena Duarte, Letícia Brandão e Telma Gonçalves.

Músicas originais e versões paródicas	José Luiz Ribeiro
Arranjo musical	Dionísio Giovanini
Sonotécnica	Telma Gonçalves
Iluminotécnica	Renata Ferreira/ Elena Duarte
Apoio:	Tiago Vítor, Patrícia Vecchio Maíra Matthes, Fernando Perlatto Carolina Assis, Isabel Alberto, Thiago Cabral Claudiane Oliveira, Luana Perillo, Jussara Sarmiento e Marcelo Giovanni

Confecção de figurinos Núcleo de Universitários e Núcleo da Terceira Idade

Apoio administrativo Virgínia Fonseca

DIREÇÃO José Luiz Ribeiro

ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Nosso amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros
Versos e Cantigas

TEATRO INFANTIL

A onça de asas
O circo de bonecos
História de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho
Sonho Pirata
Passa, passa, assombração
D. Chicote Mula-Manca
O rouxinol do pescador
O caju encantado
Estórias pra boi dormir
O carteiro do rei
O dragão verde
O mistério das nove luas
A Chapeleira da Rua Azul
O patinho feio

Walmir Ayala
Oscar von Pfuhl
Ilo Krugli
Gabriela Rabelo
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
Sylvia Orthoff
Zuleika Mello
José Luiz Ribeiro
Maria Helena Kühner
José Luiz Ribeiro
Ana Maria Machado
Liliana Neves
José Luiz Ribeiro
Oscar von Pfuhl
José Luiz Ribeiro
Paula Schmidt
José Luiz Ribeiro
Tagore/José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
Ilo Krugli et alii
José Luiz Ribeiro
Ronaldo Boschi

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Tchekov
Bodas de Sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escurial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória	Dias Gomes/F. Gullar
O jardim das cerejeiras	Tchekhov
Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol
Fausto	Goethe
Girança	José Luiz Ribeiro
A casa de Bernarda Alba	Garcia Lorca
Grito mudo	José Luiz Ribeiro
As aventuras do tio Patinhas	Augusto Boal
A aurora da minha vida	Naum Alves de Souza

Canga
O mercador de Veneza
O santo milagroso
Rasto atrás
Era sempre primeiro de abril
Todomundo
Édipo-Rei
O burguês fidalgo
Vereda da salvação
Il teatro comico
Como se come um homem
A torre em concurso
O homem e o cavalo
A escada de Jacó
Cervantina
O devoto
O príncipe rufião

José Luiz Ribeiro
William Shakespeare
Lauro César Muniz
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Sófocles
Molière
Jorge Andrade
Carlo Goldoni
S. Mrozek
J. Manuel de Macedo
Oswald de Andrade
José Luiz Ribeiro
Miguel de Cervantes
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina
Coral Universitário
Belmiro, Murilo e Pedro Nava
Camões
A menina casadoira
Pic-nic no front
Sganarello
Lição de Molière
Farsa do Mestre Pathélin
Manuel, Bandeira do Brasil
Molière
A incelença
OH! A mulher!
Os Divertimentos do Rei
Sertaneja
A gata borralheira
Sassaricando
A pousada do Marreco Verde

João Cabral de Mello Neto
José Luiz Ribeiro (texto)
José Luiz Ribeiro (org.)
José Luiz Ribeiro (sel.)
Eugène Ionesco
Arrabal
Molière
José Luiz Ribeiro
Anônimo medieval
Malu Ribeiro (org.)
José Luiz Ribeiro
Luiz Marinho
José Luiz Ribeiro
J. Eduardo Vendramini
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Comissão de Cultura da UFJF

Funcionários do Forum da Cultura

**Aos que, durante esses 32 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência**

**Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que**

"MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO"

Garcia Lorca